

Visitantes indesejáveis

Categories : [Reportagens](#)

Deslocados de seus ambientes naturais, alguns animais e plantas acabam se tornando um perigo para outro ecossistema. As chamadas “espécies invasoras” já são a segunda maior ameaça mundial à biodiversidade. Só perdem para a exploração humana direta na destruição de habitats. Mas como normalmente é a mão humana que transforma espécies nativas em intrusos indesejados, cabe também ao homem o esforço de reverter esse processo.

Em fevereiro de 2004, o governo federal parecia dar um passo em direção ao controle das espécies exóticas e invasoras, ao criar a Coordenação de Manejo da Fauna na Natureza (Cofan), no âmbito do Ibama. Mas até hoje a burocracia não deixou o Ministério do Planejamento inaugurar o órgão de fato. Apesar de ainda não existir oficialmente, a equipe do Cofan está organizando uma lista a respeito de principais EEIs, que deve ser apresentada ao público em julho.

Uma das espécies que mais preocupam é o mexilhão dourado (*Limnoperna fortunei*). Esse pequeno molusco de duas conchas (bivalve) é originário da Ásia e foi detectado pela primeira vez no Brasil em 1998, no delta do rio Jacuí, em frente ao porto de Porto Alegre. Em pouco tempo disseminou-se, mesmo contra a correnteza, por várias bacias hidrográficas da Argentina, do Paraguai e do Brasil. Ele surgiu provavelmente pela água de lastro de navios vindos da Argentina, onde já ocorria. A água de lastro é coletada pelos navios para manter sua estabilidade durante a viagem, e lançada ao mar quando chegam ao seu destino. A proliferação descontrolada do mexilhão provoca o entupimento dos sistemas hidráulicos em embarcações e mesmo em grandes empresas. Na hidrelétrica de Itaipu, no Paraná, a expansão foi tão veloz que levou a usina a adotar medidas emergenciais para combatê-lo e conter os prejuízos que está gerando. Em apenas dois anos, a concentração de mexilhões em coletas na hidrelétrica [passou de 3 por metro quadrado a 180 mil por metro quadrado](#). A espécie já foi identificada próximo a Corumbá (MS), no Pantanal, e especula-se que tenha alcançado a região amazônica.

Outra praga é o caramujo gigante africano (*Achatina fulica*). Introduzido no Brasil para substituir o escargot, a espécie não deu certo comercialmente e hoje vem assolando 23 estados brasileiros. Em Unidades de Conservação, ameaça a flora. Nas cidades, coloca a população sob o risco de doenças quando é coletado sem a devida proteção. Os caramujos são capazes de grandes estragos. Em bando, devoram uma bananeira em 36 horas, mas na falta de frutas e verduras atacam qualquer tipo de alimento e mesmo lixo, o que favorece sua multiplicação em locais que

não tratam os resíduos sólidos. Para piorar, o caramujo é hermafrodita, ou seja, se reproduz sozinho colocando de 180 a 600 ovos até quatro vezes por ano.

Também o javali selvagem (*Sus scrofa*) é uma ameaça, principalmente no Rio Grande do Sul e em Mato Grosso. Originário da Europa, foi introduzido em criações no Brasil, mas a fuga de alguns deu início ao surgimento de populações selvagens que ficam cada vez maiores. Os impactos causados pela espécie no meio natural afetam diretamente a fauna e a flora. Os javalis podem pesar até 150 quilos, atacam em bandos e vêm deslocando populações nativas de porcos-domato (*caititus*) ao competir por alimento. Por ser mais agressiva, a espécie causa danos à regeneração de florestas.

Até o simpático pardal representa um grande incômodo. O *Passer domesticus* chegou ao Rio de Janeiro no início do século XX, vindo da Europa. Espalhou-se por grande parte do país e hoje é inimigo dos agricultores pelos prejuízos que causa aos pomares e plantações.

As espécies nativas também se tornam indesejáveis quando as transformações em seus habitats levam à superpopulação, com prejuízo ao ambiente e às atividades econômicas. Segundo o Ibama, os principais casos são o da capivara e o da caturrita, um tipo de periquito. “Em São Paulo, a superpopulação de capivaras tem invadido áreas de cultivo e até casas. Além disso, elas carregam um carrapato que pode causar doenças nos seres humanos”, explica André Jean Deberdt, da Diretoria de Fauna e Recursos Pesqueiros (DIFAP) do Ibama. Já a caturrita, depois de perder seu espaço natural devido ao desmatamento, virou praga em plantios e pomares da região Sul. Para a alegria dos caçadores, no ano passado o Ibama liberou o abate de caturritas e javalis selvagens no Rio Grande do Sul, para controlar a população dessas espécies.

As invasoras são consideradas um problema ecológico mundial. Em 1997, a ONU criou o Programa Global de Espécies Invasoras (*Global Invasive Species Programme*, Gisp). No Brasil, apesar da disseminação dessas espécies estar enquadrada na Lei de Crimes Ambientais, falta uma visão mais ampla do problema e mais atuação dos órgãos de fiscalização. O Governo chegou a criar Forças-Tarefas e Grupos Interministeriais para enfrentar as espécies invasoras, mas até agora quase não há avanços concretos. “É quase impossível erradicar uma espécie invasora já instalada. Por isso o investimento é feito principalmente na prevenção, como forma de impedir a entrada de novos organismos. Com os que já estão por aqui, é feito o controle, na tentativa de minimizar os impactos. A estratégia é definida de acordo com cada espécie”, afirma André Deberdt.

O setor acadêmico e as ONGs vão discutir a questão em maio, quando acontece, em Brasília, o I Simpósio Brasileiro sobre Espécies Exóticas Invasoras, organizado pelo Instituto Hórus. Com sedes em Curitiba e Florianópolis, o Instituto realiza um [levantamento inédito de plantas exóticas invasoras no Brasil](#), que prevê a elaboração de um sistema de informações geográficas para

localizar as regiões invadidas por essas espécies.

São estas as principais espécies de fauna exóticas e invasoras no Brasil, segundo o Ibama:

Anfíbios: *Rana catesbeiana* - Rã-Touro ou Rã-Touro gigante (foto); *Xenopus laevis* - Rã africana.

Crustáceos: *Macrobrachium rosenbergii* - Camarão-gigante-da-Malásia; *Penaeus monodon* - Camarão-tigre; *Penaeus penicillatus* - Camarão-marinho; *Penaeus stylirostris* - Camarão-marinho; *Litopenaeus (Penaeus) vannamei* – Camarão branco do Pacífico.

Répteis: *Trachemis scripta elegans* - Tigre-d'água-americano (foto), Tartaruga-de-orelhas-vermelhas.

Moluscos: *Achatina fulica* - Caramujo-gigante-africano; *Corbicula fluminea* - Corbícula; *Helix aspersa* - Escargot; *Limnoperna fortunei* - Mexilhão-dourado; *Melanoides tuberculatus* - Molusco de água doce; *Physella acuta*, também conhecido como *Physa acuta* e *Physa cubensis* – Molusco herbívoro.

Mamíferos: *Lepus europaeus* - Lebre-européia (foto); *Mus musculus* - Camundongo; *Rattus norvegicus* - Ratazana; *Rattus rattus* - Rato; *Sus scrofa* - Javali; *Bubalus bubalis* - Búfalo.

Aves: *Bubulcus íbis* - Garça-vaqueira; *Estrilda astrild* - Bico-de-lacre; *Sturnella vulgaris* - Estorninho; *Passer domesticus* - Pardal; *Columba lívia* - Pombo-doméstico.

Peixes: *Aristichthys nobilis* - Carpa-cabeça-grande; *Clarias gariepinus* - Bagre-africano; *Ctenopharyngodon idella* - Carpa-capim (foto); *Cypinus carpio* - Carpa comum; *Hoplosternum littorale* - Tamboatá; *Hypophthalmictys molitrix* - Carpa-cabeça-grande; *Ictalurus punctatus* - Bagre-do-canal; *Micropterus salmoides* - Black-bass; *Odontesthes bonariensis* - Peixe-rei; *Oncorhynchus mykiss* - Truta-arco-iris; *Oreochromis aureus* - Tilápia-áurea; *Oreochromis hornorum* - Tilápia-do-zambibar; *Oreochromis mossambicus* - Tilápia-de-Moçambique; *Oreochromis niloticus* - Tilápia-do-Nilo; *Oreochromis nornorum* - Tilápia; *Tilapia rendalli* - Tilápia-do-Congo.

* *Adriana Gomes é jornalista ambiental em Cuiabá (MT).*